

O impacto da socialização nas relações entre juventude e política no município de Campinas
Palavras-Chave: Juventude; Política; Informação política; Engajamento político.

Autores(as):

Max Y. De Bona de Oliveira,(Graduando IFCH/UNICAMP)

Eduardo Rezende Pereira (Coorientador - PPGCP/IFCH, UNICAMP)

Profa. Dra. Andréa Marcondes de Freitas (Orientadora-IFCH, UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

O abismo que constitui a relação entre juventude e política não é novidade para o panorama dos estudos de participação e cultura política (Nazzari,2003; Florentino 2008; Brenner,2024). Decido neste trabalho utilizar o termo distanciamento, pois as demais palavras utilizadas na bibliografia como: desinteresse, indiferença ou apatia induzem-na a uma posição negativa tomada pelos jovens diante da política pois são cunhadas partindo da posição da juventude como agente transformador, ou seja como a responsável por introduzir mudanças na sociedade que quando não cumprem tal expectativa, são negativamente rotulados como apáticos e desinteressados. Essa possibilidade de renovação moral das sociedades se torna realidade apenas em alguns estratos da juventude e por isso não deve conferir regra de comportamento ,já que os jovens são socializados por escolas e famílias que conferem uma sociedade diversa (Florentino, 2008). Se faz necessário então fugir do que Florentino (2008)denomina como juventrismo, que se refere à juventude interpretada não como um momento da vida e da construção do sujeito em si, mas sim dotado do comportamento boêmio, da resistência e da transgressão, essa caracterização fechada, baseada na geração de 1968 (Nazzari,2003, Brenner 2024), a qual desenvolve um pressuposto de que ao analisar a juventude sempre a comparamos a este imaginário, desconsiderando os anseios e visões que a juventude estabelece acerca de si mesma. Sendo assim, ao separar a juventude erroneamente como um bloco dotado de comportamentos e opiniões uniformes se desconsidera toda uma pluralidade expressa na própria juventude.

Por isso é necessário observar com cautela o pressuposto de que a juventude se preocupa e interessa cada vez menos com política. Uma vez que propagada inicialmente como uma forma de saudosismo (Nazzari,2003), é advinda do fato desta perspectiva ser formulada por gerações anteriores, com métricas distintas quando o assunto é participação política. O'Que ocorre então é que para uma geração em que a atuação nas manifestações de ruas configuraram envolvimento político se torna invisível, apesar de existente,o envolvimento da juventude em comunidades constituídas a partir das tecnologias de informação que expressam sua participação política a partir dessas o nessas comunidades virtuais e grupos culturais. Proponho no artigo a seguir compreender partindo da perspectiva dos jovens de Campinas abarcados pelo *survey* aplicado,se a socialização política construído estaria predispondo a apatia, indiferença ou repulsa resultando em um afastamento do engajamento e participação em atividades políticas ou se a crença do distanciamento não se trata apenas de uma observação viciada das formas de participação. Esta análise foi realizada a partir dos dados de um *survey* aplicado a partir do segundo semestre de 2023 até o final do primeiro semestre de 2024, com jovens de 14 a 21 anos, no município de Campinas (SP), em escolas públicas e privadas, cursinhos e espaços de socialização. Esta amostra não-aleatória¹ de 54 casos foi elaborada com 35 perguntas abertas e fechadas, aplicadas pelos estudantes de graduação vinculados ao Grupo de Pesquisas e Dados do Programa de Extensão em Educação Política da Universidade Estadual de Campinas (PROEEP/Unicamp), com a proposta de analisar a relação e as opiniões que os jovens de Campinas estabelecem com política. Dentre as 35 perguntas, foquei minha análise nas 13 perguntas

¹ Os resultados aqui apresentados não têm valor estatístico e não representam o conjunto de jovens de Campinas tanto devido ao baixo número de entrevistados quanto a não-aleatoriedade e uniformidade de aplicação dos questionários nos espaços designados.

abertas, nas quais acreditei ser possível, a partir das próprias palavras dos jovens, compreender suas perspectivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para conceber participação, se faz necessário conceber de que forma exploro os espaços de socialização. Considero aqui que constam em instituições disciplinares, como escolas, espaços religiosos ou o ambiente familiar no qual crianças e adolescentes passam a maior parte de seu tempo durante os primeiros anos de desenvolvimento cognitivo e a onde são socializados para a vida em comunidade (Dubar, 2005). Os ambientes, dinâmicas e relações que o sujeito em formação estabelece são responsáveis, portanto, por constituir a partir de diversas experiências comunitárias ou individuais a forma de ver o mundo e se localizar nele. Existem diversas socializações que produzem sistemas de referências distintos, sendo a socialização política responsável por constituir dentre diversos aspectos relacionados ao mundo político, o 'que chamo ao longo do artigo de imaginário: um conjunto de ideias, concepções, crenças e sentidos que constroem o 'que é política direcionando assim os formatos como a juventude considera relevante e possível se relacionar com ela. Dessa forma, ao analisar o *survey* aplicado nas escolas de Campinas deve ter como norte a socialização dos jovens, uma vez que não descartando a agência da juventude, este condiciona sua participação política.

Para iniciar o debate acerca da socialização é crucial iniciar a análise a partir da pergunta aberta "O que é política para você?", por meio dela é possível compreender como os entrevistados definem política de forma geral:

Tabela 1 - O que os jovens de Campinas entendem como política (2023/2024)

A partir da tabela 1 é possível começar a apreender a base do imaginário político dos jovens entrevistados. Nela, a categoria com maior quantidade de respostas (29,7%), indica uma presença marcante de pessoas que consideram a política a ação de organizar, seja as instituições do Estado, a economia ou a sociedade estando dentre as respostas que foram obtidas e inseridas nesta categoria os sinônimos: manutenção, gestão ou cuidado. Mantendo o mesmo eixo temático, há mais duas categorias com porcentagem considerável que estabelecem a política como eleitoral e institucional, sendo política como representantes eleitos (11%),

O que é política para você?	%
A Ação de Organizar as Instituições/ /economia/Sociedade	29,7
Algo Ruim	26,0
Eleição de Representantes	11,1
Algo importante	11,0
Não sabe	9,3
Política Institucional	5,6
Poder	3,8
Ações que interferem no cotidiano	1,8
Igualdade	1,8
Total	100,0

Fonte: Elaboração do autor (2024)

indicando a crença de que a política é o ato de eleger representantes ou mesmo o ato de governar, e a política como identificada nas respostas dos entrevistados por mecanismos institucionais (5,6%). É possível visualizar que estas três categorias são complementares entre si: a organização é um resultado das decisões e debates estabelecidos pelos representantes eleitos, que durante o período de eleições estabelecem diversas promessas pautadas sempre na resolução dos problemas do estado federativo, município ou país, que ocorrem dentro — e apenas são possibilitadas devido — dos mecanismos institucionais. Esta complementaridade entre as três categorias evidencia o impacto que o sistema representativo da democracia brasileira exerce sobre os jovens quando pensam "o que é política?". Associando a este imaginário, e observando agora a segunda categoria com maior número de respostas, na qual os jovens identificam a política como algo ruim (26%) é visível que além do imaginário eleitoral se estabelece também um imaginário negativo sobre a política institucional eleitoral. A primeira categoria da tabela, "xingamentos", não direciona para uma hipótese que explique a visão negativa, entretanto as caracterizações: "roubo", "nada", "confusão" e "desigualdade", elucidam algumas pistas. O léxico associado à corrupção e ao roubo, quando direcionado a política, não se apresenta como um fenômeno novo, sendo parte do discurso do senso comum. Entretanto, para compreender o imaginário construído pela juventude é necessário observar o aspecto geracional da juventude que estamos analisando, e a geração que estudo neste trabalho tem faixa etária de 14 a 21 anos e dessa forma vivenciou pelas Jornadas de 2013 assim como seus desdobramentos na faixa etária de 5 a 11 anos. Ou seja, em períodos cruciais do desenvolvimento social para a construção de significados e visões de mundo, a infância e pré-adolescência, estes jovens tiveram em um de seus primeiros contatos um momento de efervescência, no qual a ideia de corrupção, roubo e o sentimento anti político estavam muito presentes em seus espaços de socialização, principalmente nas discussões do âmbito familiar. É importante salientar que os temas da corrupção e do roubo se apresentam não

apenas na tabela anterior, mas também são identificados pelos jovens como o maior problema da política brasileira, como é possível constatar na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Qual o maior problema da política do país para os jovens de Campinas, 2023/2024.

Com 26% de respostas, os jovens identificam a corrupção como o principal problema da política brasileira, seguido de 11,1% que identificam as mentiras e notícias falsas. Essa resposta não apenas reafirma o impacto da socialização, mas quando levamos em conta o imaginário eleitoral, discutido anteriormente, é ainda mais interessante, pois a corrupção explicita um problema de confiança para com os representantes eleitos, fortalecendo a crença de que o sistema eleitoral tem maior peso no imaginário. Esse aspecto é reafirmado a seguir quando observamos os dados retirados das respostas da mesma pergunta do *survey*, só que quando aplicada no final do ano de 2022 período de eleições presidenciais. Curiosamente, a categoria com maior número de respostas se mantém “corrupção” com 35%. Entretanto, a segunda categoria passa a ser a polarização política, com 14% das respostas, enquanto as mentiras e as notícias falsas passam para quarto lugar, com 8,7% de respostas. Dessa forma, tanto pela categoria corrupção quanto pela polarização, temos a confirmação do impacto que eleições, principalmente presidenciais, exercem no imaginário político dos jovens, uma vez que a polarização foi pauta de grandes discussões durante as eleições de 2022. Portanto, mesmo de forma negativa, este léxico confirma o impacto do modelo eleitoral representativo, pois se trata de um movimento que expressa desconfiança dos representantes eleitos e do modelo de eleição.

Para você, qual é o maior problema da política do nosso país?	%
Corrupção	26,0
Não sabe	11,1
Mentiras e Notícias Falsas	11,1
Muitas discussões/ polarização	7,4
Economia/Saúde/Educação	5,5
Os políticos não são bons	5,5
Desigualdade	5,5
Tudo	3,7
Não há igualdade	1,8
Fanatismo Religioso	1,8
Falta de organização da Classe trabalhadora	1,8
Guerra em Israel	1,8
Total	100,0

Fonte: Elaboração do autor, 2024

“corrupção” com 35%. Entretanto, a segunda categoria passa a ser a polarização política, com 14% das respostas, enquanto as mentiras e as notícias falsas passam para quarto lugar, com 8,7% de respostas. Dessa forma, tanto pela categoria corrupção quanto pela polarização, temos a confirmação do impacto que eleições, principalmente presidenciais, exercem no imaginário político dos jovens, uma vez que a polarização foi pauta de grandes discussões durante as eleições de 2022. Portanto, mesmo de forma negativa, este léxico confirma o impacto do modelo eleitoral representativo, pois se trata de um movimento que expressa desconfiança dos representantes eleitos e do modelo de eleição.

4. A desconfiança como causa para o distanciamento.

A falta de confiança e visão negativa que a juventude estabelece com relação às eleições e processos institucionais da política, se apresenta como uma das hipóteses de causas para o fenômeno do distanciamento, uma vez que a confiança nas instituições impacta diretamente na cooperação e na participação política. Conforme defende Nazzari (2003), partindo da teoria do capital social, a confiança é a chave para a participação, uma vez que gera cooperação assim gerando reciprocidade e associações voluntárias. Então uma caracterização negativa da política, notavelmente a política institucional, enquanto corrupção, é gerado uma menor disposição entre os jovens em cooperar e participar voluntariamente, impactando em seu distanciamento e desinteresse. A tabela 3 a seguir elucida essa dimensão:

Tabela 3 - O que a juventude pensa sobre sua relação com a política, 2023/2024.

Com 51,8% das respostas, a juventude afirma que sua relação com a política é desinteressada ou frágil. Esmiuçando essa categoria, obtivemos duas respostas importantes “Não tenho interesse/ não tenho conexão” com 60,7% e “é importante os jovens se engajarem” com 32,1% essa discrepância de respostas demonstra que os jovens reconhecem com mais intensidade o distanciamento e a relação frágil (60.7%) entretanto reconhecem também a importância do engajamento juvenil no que consideram política (32,1%). Então, retomando a noção de que os jovens de Campinas consideram a política as eleições de representantes, aqui com 32,1% eles consideram crucial se engajar e participar de forma a serem capazes de votar e eleger governantes capazes de representarem seus ideais, ou melhor, consideram que a relação é frágil pois não se engajam e se interessam nestes moldes que acreditam ser política, eleições e ambientes institucionais?

O que você pensa sobre a relação dos jovens com a política?	%
Se sentem não representadas	1,8
São influenciados pelas mídias	1,8
Não Sabe	11,1
Alguns jovens se interessam	11,1
Não há conhecimento sobre política	14,8
Não há interesse/ relação frágil	51,8
Total	100

Fonte: Elaboração do autor, 2024

Observo, a partir desse questionamento, três respostas de jovens que afirmaram ser importante a manutenção de uma relação forte e interessada com a política. O Jovem A, afirma ser importante que

a juventude expresse suas opiniões como forma de participação política para que assim possa ser “representada” nesta esfera, exemplificando assim o peso que o sistema representativo de governo estabelece na socialização juvenil. Sua justificativa para não haver esse engajamento reside na prioridade que os jovens destinam a seus assuntos pessoais devido a um individualismo por parte deles, ou seja falta de senso de comunidade. Fato que nesse relato a relevância do engajamento político é trazida em contrapartida ao distanciamento e desconexão havendo também uma busca para explicar a partir de suas experiências porque o desinteresse ocorre. A seguir no relato do Jovem Nota-se que a importância reside também na representação das necessidades e visões distintas dos jovens na política e a necessidade da presença juvenil para incentivar a pluralidade de perspectivas. Mas, diferente da resposta anterior, que colocava peso na disposição individual de cada pessoa, neste relato a informação é considerada como o aspecto importante para a participação. Ela é responsável pela reformulação de argumentos, a partir da pesquisa e do aprendizado, e assim se formariam adultos com maior conhecimento, dessa forma seria importante sempre desde jovens buscarem informação sobre política, o que o jovem B chama aqui de engajamento. Em outras palavras, se engajar na política estabelece conexão com a busca e o acesso à informação, pensamento presente também no terceiro e último relato C. No qual está presente o termo “eleitores”, que reitera o imaginário eleitoral mais uma vez, aqui o participar/engajar na política neste relato também está associado diretamente com o ato de se informar com a finalidade de votar de forma responsável, em outras palavras participar é ser eleitor. Em resumo há sim um conhecimento sobre como se engajar sendo ele a busca por informação o'que o gráfico a seguir elucida

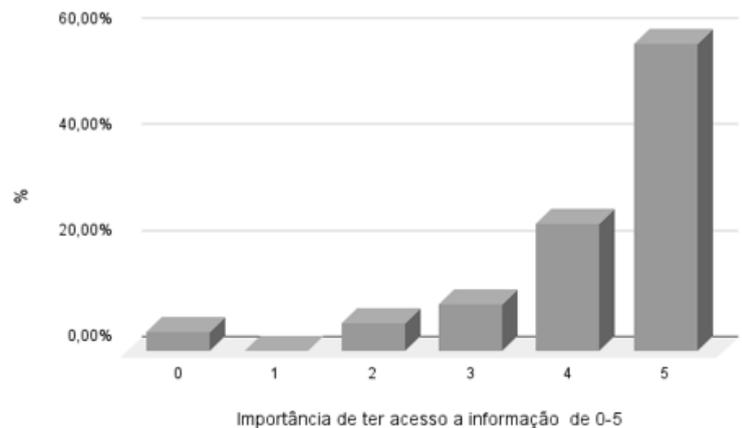
Gráfico 1 - Nível de importância que os jovens de Campinas destinam ao acesso à informação política. (2023,2024)

Como é possível visualizar acima, mais de 40% dos jovens entrevistados consideram o acesso à informação sobre política de importância máxima, 5 em uma escala de 0-5, afirmando então ser crucial o acesso à informação sobre política, neste sentido, a busca por informação e o ensino sobre política aparecem como caminho para superar a desconfiança, o desinteresse e a falta de participação.

5.O engajamento

Com base nesses dados é possível constatar que o desinteresse e a falta de participação são identificados pelos jovens, e que a causa para esse desinteresse e falta de participação pode ser a desconfiança nos aparatos institucionais e nos próprios representantes. Os jovens reconhecem não apenas que este distanciamento é negativo, como também que há uma falta de acesso a informações sobre a política. Desta forma, há o reconhecimento de um caminho para o engajamento, apesar da desconfiança. Essa perspectiva e interesse em se tornarem mais engajados é demonstrada quando 50% dos entrevistados afirma na pergunta “ Você gostaria de ser mais engajado?” que gostaria de participar mais dessa forma a juventude expressa interesse e potência para este engajamento e reconhece a importância da busca e do consumo de informação política para ou com este engajamento(Mannheim,1968). Mas então, será que os jovens se consideram engajados apesar de reconhecerem esse engajamento? Ou melhor, os jovens buscam por informação sobre política? O'Que a juventude pode nos informar acerca de sua participação?

Na pergunta “Você se considera uma pessoa engajada politicamente?”, 85,1% dos entrevistados não se consideram pessoas engajadas politicamente, entretanto dialogando com as tabelas anteriores nas quais os jovens apresentaram perspectivas negativas acerca da política e expressaram que consideram a relação como frágil, este resultado de não se considerarem engajados poderia ser um sintoma ou consequência do distanciamento, e de uma visualização de uma juventude que não se engaja, ou não sente que engaja segundo seus parâmetros. Parâmetros que podem ser identificados quando analisamos as 4 respostas à seguinte pergunta “Por qual razão você se engaja coletivamente?”, na qual os jovens respondem que são engajados, pois “procuram saber sobre política” e porque “são informados o suficiente para votar com consciência”, reafirmando que o padrão de engajamento é a busca e o acesso por informação para eleger melhores representantes. Então, quando houvesse eleições o número de jovens que se consideram engajados aumentaria, como pode



Fonte: Elaboração do autor,2024

ser visto a seguir com base nos dados de uma pesquisa anterior realizada em 2022, ano em que ocorriam eleições presidenciais.

Em comparação ao Survey aplicado no período de 2022/2023, houve aumento do número de jovens que se consideram engajados, com os dados percentuais subindo de 7,4% para 24,5%. Essa alteração seria advinda do fato de estar ocorrendo um processo eleitoral, com os jovens buscando por informações e participando de debates ao seu redor. Porém, ainda que o aumento de jovens que afirmam serem engajados seja notado, este número é consideravelmente menor do que aqueles que afirmam que não são engajados. A pergunta, então, seria: por que os jovens não se engajam?

Buscando uma resposta a partir da pergunta "O'Que te impossibilita de ser mais engajado?" do *survey* a partir da perspectiva juvenil 36% das respostas é a falta de tempo os impossibilita de se engajar e com 32% das respostas ser o desinteresse. A falta de tempo para se engajar politicamente é consequência direta da falta de espaços participativos e que incluam a juventude, entretanto, se a política fosse considerada algo do cotidiano, não seria vista e interpretada como uma tarefa para a qual seria necessário manejar e organizar a própria rotina para participar. Ou seja, a juventude, como pode ser observado na tabela 6, não considera a política objeto do seu cotidiano, como pode ser observado também nas respostas à pergunta do *survey* "Como a política aparece em seu cotidiano?" que com 22% das respostas, a juventude afirma que a política não aparece de forma alguma no seu cotidiano assim como com 16% afirma que ela apenas aparece em noticiários. Ou seja, um total de 39% dos entrevistados afirma que a política não participa do seu cotidiano ou, se participa, aparece apenas por meio da mídia, estando, assim, distante.

CONCLUSÕES:

O distanciamento entre a juventude e a política não se trata de um fenômeno isolado, mas construído a partir das relações e trocas que esses sujeitos estabelecem, a partir de sua socialização que constrói ao longo da vivência da juventude o'que é política e o'que é participar dela. Dessa forma talvez não haja um real responsável pelo distanciamento, penso após a análise dos dados do *survey* que o motivo de considerarmos que ele existe se dá pelo o fato de que a perspectiva juvenil qualifica engajamento como busca por informação e uma vez que não há formas óbvias e objetivas de quantificar o consumo de informação a partir das mídias e meios de comunicação ou até mesmo nas conversas compartilhadas no ambiente escolar e familiar, é possibilitada uma desqualificação dessa forma de engajamento ou até sua invisibilização.

Mas também entendo que, se informar tem finalidade quando pensamos no voto, e no modelo eleitoral. Dessa forma, penso que a juventude não se engaja pois não identifica possibilidade ou interesse nos mecanismos institucionais e eleitorais que consideram ser a política, mesmo elencando a possibilidade de participação a partir do consumo de informação, essa ainda é uma ação distanciada do que estabelecem como poder: os representantes que elegem. Por isso não engajam pois compreendem que a política se trata apenas e somente desse meio eleitoral, do qual consideram que essa forma de participação e engajamento não impacta na sua realidade.

BIBLIOGRAFIA

- BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários**. 2011. Doutorado em Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10082011-144625/>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FLORENTINO, Renata. **Democracia Liberal: uma novidade já desbotada entre jovens**. *Opinião Pública*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 205–235, 2008.
- FUKS, Mario. **Atitudes, cognição e participação política: padrões de influência dos ambientes de socialização sobre o perfil político dos jovens**. *Opinião Pública*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 88–108, 2012.
- KENSKI, Kate; STROUD, Natalie Jomini. **Connections Between Internet Use and Political Efficacy, Knowledge, and Participation**. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 173–192, 2006.
- MANNHEIM, K. **O problema da juventude na sociedade moderna**. In: *Sociologia da Juventude*, I. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- NAZZARI, Rosana Katia. **Capital social, cultura e socialização política da juventude brasileira**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003. "Introdução" e "Capítulo 1: Globalização, cultura política e capital social" (p. 12 a 108).
- RUSSO, Guilherme A.; AZZI, Roberta Gurgel; FAVERI, Charlene. **Confiança nas instituições políticas: diferenças e interdependência nas opiniões de jovens e população brasileira**. *Opinião Pública*, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 365–404, 2018.